

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 3

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



**A Educação em suas
Dimensões Pedagógica,
Política, Social e Cultural 3**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural
3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de
Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-29-0

DOI 10.22533/at.ed.290201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de
Souza.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica)

Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO E PERFIL DOCENTE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: ANÁLISE DOS DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS	
Julliano Cruz de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2902013021	
CAPÍTULO 2	14
FRACASSO ESCOLAR NO BRASIL: PRINCIPAIS CAUSAS	
Maria do Rosário Alves de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2902013022	
CAPÍTULO 3	24
GAME DA ÁGUA: UMA ATIVIDADE LÚDICA PARA O ENSINO DA QUÍMICA DA ÁGUA PARA ALUNOS DE ENSINO MÉDIO	
Regianne Ferreira da Silva	
Karolayne Amorim Souza	
Tatiana. Aparecida Rosa da Silva	
Edina Cristina Rodrigues de Freitas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2902013023	
CAPÍTULO 4	36
BRINCADEIRA PROTAGONIZADA COMO POSSIBILIDADE DIDÁTICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR	
Fernanda Oliveira Brigatto Silvano	
DOI 10.22533/at.ed.2902013024	
CAPÍTULO 5	45
GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: PERSPECTIVAS E REALIDADE	
Nazaré dos Santos Costa Alves	
Ione Oliveira Jatobá Leal	
DOI 10.22533/at.ed.2902013025	
CAPÍTULO 6	54
IGARAPÉ BEM TEMPERADO 2016: A EXTENSÃO DA APRENDIZAGEM PARA ALÉM DOS MUROS DA FACULDADE	
Laylla Gabrielle Borges Correia Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.2902013026	
CAPÍTULO 7	69
INFÂNCIAS MARCADAS PELAS DINÂMICAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS: UM DIÁLOGO ENTRE A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E PAULO FREIRE	
Ana Sebastiana Monteiro Ribeiro	
Renata Cristina de L.C.B. Nascimento	
Samantha Dias de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2902013027	

CAPÍTULO 8	79
JOGOS E ENSINO DE HISTÓRIA: O USO DO JOGO RPG (<i>ROLE PLAYING GAME</i>) DIGITAL PARA O ENSINO <i>ONLINE</i> DAS ROTAS DO TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS NA BAHIA	
Joelma Cerqueira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2902013028	
CAPÍTULO 9	88
<i>LIGHTBOT</i> LOGICAMENTE: UM GAME LÚDICO AMPARADO PELO PENSAMENTO COMPUTACIONAL E A MATEMÁTICA	
Daniella Santaguida M. de Souza	
Graziela Ferreira Guarda	
Ione Ferrarini Goulart	
Maria Luiza F. Goulart	
DOI 10.22533/at.ed.2902013029	
CAPÍTULO 10	99
LITERATURA GAMIFICADA	
Carolina Müller	
DOI 10.22533/at.ed.29020130210	
CAPÍTULO 11	109
NANOCIÊNCIA E NANOTECNOLOGIA: UMA PROPOSTA MULTIDISCIPLINAR PARA O ENSINO MÉDIO	
Marccus Victor Almeida Martins	
Débora Silva Vidigal Dourado	
Jerliam Soares Araújo	
Jocélia Pereira de Carvalho Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.29020130211	
CAPÍTULO 12	117
NOVOS OLHARES SOBRE A PEDAGOGIA	
Rosemeire Ferrarezi Valiante	
Noely de Assunção Gomes	
Priscila Dayse Gomes Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.29020130212	
CAPÍTULO 13	133
O CURSO DE EXTENSÃO <i>OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO</i> : REFLEXÕES, MUDANÇAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NOS RESULTADOS JUNTO ÀS CRIANÇAS ALFABETIZANDAS	
Luciane Manera Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.29020130213	
CAPÍTULO 14	145
O ENSINO DO DIREITO PARA OS INDÍGENAS	
Nadia Teresinha da Mota Franco	
Patrícia Guerrero	
DOI 10.22533/at.ed.29020130214	

CAPÍTULO 15	157
O ENSINO SUPERIOR PRIVADO E O PROCESSO DE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE EM RONDÔNIA	
Rudhy Marssal Bohn Marilsa Miranda de Souza Francisco Cetrulo Neto	
DOI 10.22533/at.ed.29020130215	
CAPÍTULO 16	177
O PAPEL DO CORPO NOS PROCESSOS EDUCATIVOS: A RELAÇÃO CORPO/MENTE NA ESCOLA	
Caio Cezar Piraciaba de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.29020130216	
CAPÍTULO 17	188
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO CENÁRIO DAS ASSIMETRIAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA	
Ana Kely Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.29020130217	
CAPÍTULO 18	201
O PROFESSOR, A SALA DE AULA, OS DESAFIOS QUE SE APRESENTAM E A APRENDIZAGEM COLABORATIVA	
Diego Souza dos Santos Irene da Silva Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.29020130218	
CAPÍTULO 19	211
O USO DE <i>FANFICTIONS</i> COMO PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Greicielle da Silva Borges Karyne Paula de Souza Franco Tauã Carvalho de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.29020130219	
CAPÍTULO 20	219
O USO DO LITEMAP EM UMA DISCUSSÃO COLABORATIVA	
Luziana Quadros da Rosa Renata Oliveira da Silva Lucyene Lopes da Silva Zaida Cristiane dos Reis Márcio Vieira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.29020130220	
CAPÍTULO 21	231
OBJETOS E FOTOGRAFIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Jéssica Domenic Candiani Martins Magda Madalena Tuma	

DOI 10.22533/at.ed.29020130221

CAPÍTULO 22 245

OFICINA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA PROFESSORES DO QUARTO E QUINTO ANO DA ZONA RURAL DA SEMED

Cleusa Suzana Oliveira de Araujo
Lucia Helena Soares de Oliveira
Maria José Pereira de Sousa
Kamila Queiroz Guimarães
Elizama de Oliveira Pereira Gaspar

DOI 10.22533/at.ed.29020130222

CAPÍTULO 23 254

OS DESAFIOS DO ENSINO DE LIBRAS: ADEQUAÇÃO DOS LÉXICOS UTILIZADOS NAS DISCIPLINAS DE LIBRAS DA UFJ

Thábio de Almeida Silva
Kamilla Fonseca Lemes
Érica Ferreira Melo

DOI 10.22533/at.ed.29020130223

CAPÍTULO 24 264

OS MÉTODOS UTILIZADOS NA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NO MUNICÍPIO DE RIO VERDE – GO

Ayer Barsanulfo Franco
Alexsandro Silva Mateus
Max Miliano Costa
Jair Pereira Melo Júnior
João Eduardo Viana Guimaraes

DOI 10.22533/at.ed.29020130224

CAPÍTULO 25 272

OS POVOS ORIGINÁRIOS DO CARIRI PARAIBANO: DIÁLOGOS ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Elenilda Sinésio Alexandre da Silva
Aristófanés Alexandre da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29020130225

CAPÍTULO 26 280

OS SABERES NECESSÁRIOS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UM OLHAR SOB O PRISMA DISCENTE

Leonardo Mendes Bezerra
Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho
Terezinha de Jesus Maia Lima

DOI 10.22533/at.ed.29020130226

CAPÍTULO 27 292

OUTRO PERSONAGEM DE RANCIÈRE? - LOUIS-GABRIEL GAUNY E SEU RELATO AUTO-FORMATIVO

Vinicius B. Vicenzi

DOI 10.22533/at.ed.29020130227

CAPÍTULO 28	305
PABLO PICASSO: TRAÇOS E DESENHOS GEOMÉTRICOS. RELATOS DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ACADEMICA DE ARTES VISUAIS – MODALIDADE PARFOR	
Lilian Verônica Souza	
Lindamir Aparecida Rosa Junge	
Roseli Kietzer Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.29020130228	
CAPÍTULO 29	313
PAULO FREIRE E MARIO OSORIO MARQUES: UM LEGADO DE EDUCAÇÃO HUMANIZADORA	
Antônio Carlos Gonçalves do Amaral	
Milton César Gerhardt	
Walter Frantz	
DOI 10.22533/at.ed.29020130229	
CAPÍTULO 30	322
EDUCAÇÃO SEXUAL: CRIANÇAS E O PROCESSO DE (RE)CONHECIMENTO DO CORPO, DA SEXUALIDADE, DO GÊNERO E DE SUAS EXPRESSÕES	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Melissa Camilo	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
Heitor Messias Reimão de Melo	
Fernando Sabchuk Moreira	
Valquiria Nicola Bandeira	
Carlos Simão Coury Corrêa	
Andreza de Souza Fernandes	
Monica Soares	
Vanessa Cristina Scaringi	
DOI 10.22533/at.ed.29020130230	
SOBRE A ORGANIZADORA	351
ÍNDICE REMISSIVO	352

INFÂNCIAS MARCADAS PELAS DINÂMICAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS: UM DIÁLOGO ENTRE A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E PAULO FREIRE

Data de aceite: 31/01/2020

Data da submissão: 04/11/2019

Ana Sebastiana Monteiro Ribeiro

Universidade do Estado de Mato Grosso

Curso de Pedagogia

Campus Cáceres/MT

<http://lattes.cnpq.br/7673159018416101>

<https://orcid.org/0000-0003=2161-7280>

Renata Cristina de L.C.B. Nascimento

Universidade do Estado de Mato Grosso

Curso de Pedagogia

Campus Juara/MT

<http://lattes.cnpq.br/7426010066243641>

<https://orcid.org/0000-0003-33674944>

Samantha Dias de Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Rio Grande do Sul

Curso de Pedagogia

Campus Farroupilha /RS

<http://lattes.cnpq.br/3197721869023110>

<https://orcid.org/0000-0002-4597-5608>

RESUMO: O presente artigo objetiva problematizar a compreensão das infâncias e das crianças, a partir das dinâmicas ocorridas nas relações sociais e culturais. Para isso, realizamos um estudo bibliográfico promovendo um diálogo entre a Sociologia

da Infância e algumas obras de Paulo Freire. Como resultado o estudo apresenta a potência das relações sociais e culturais da criança com outras crianças e com os adultos como um dos caminhos possíveis para visibilizar as crianças e as infâncias contemporâneas, o qual necessita ser considerado pelas instituições que a criança participa, tais como, a família e a escola.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Infâncias. Sociologia da Infância. Paulo Freire.

DYNAMIC MARKED CHILDREN IN SOCIAL AND CULTURAL RELATIONS: A DIALOGUE BETWEEN CHILD SOCIOLOGY AND PAULO FREIRE

ABSTRACT: This article aims to problematize the understanding of childhoods and children, from the dynamics occurred in social and cultural relations. For this, we conducted a bibliographical study promoting a dialogue between the Sociology of Childhood and some works by Paulo Freire. As a result, it presents the power of the child's social and cultural relations with other children and adults as one of the possible ways to make children and contemporary childhoods visible, which needs to be considered by the institutions in which the child participates, such as the family and the school.

KEYWORDS: Children. Childhoods. Sociology

INTRODUÇÃO

A educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. (FREIRE, 1996, p.98-99).

Nunca foi tão oportuno falar sobre Educação e, em especial a partir dos referenciais de Paulo Freire, ainda que saibamos que Freire não tenha se dedicado a estudar as infâncias, mas como um exímio educador deixou para nós muitas lições. Deste modo retomamos este trabalho, que originalmente nasceu da participação no XX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire (2018) com intuito de trazer à cena as inúmeras contribuições freirianas para a Educação. Tomamos em nosso artigo a concepção de Educação como algo que remete à formação do sujeito na sua dimensão humana.

A partir da epígrafe de Paulo Freire que abre nosso texto e pelo fato de acreditarmos fielmente na educação como forma de intervenção no mundo, bem como na prática desta aprendizagem por meio de uma relação dialógica. Desse modo, ressaltamos um período histórico muito importante e renovado nas ciências que visibilizam uma infância que valoriza os sujeitos como partícipes da construção da sua própria história.

As décadas de 1980, 1990 foram bastante significativas a respeito dos novos rumos voltados à criança e à infância, mudando olhares e práticas. Segundo Sarmiento e Pinto (1997), este período ultrapassou os tradicionais limites da investigação confinada aos campos da Medicina, da Psicologia do Desenvolvimento ou mesmo da Pedagogia, para considerar infância enquanto fenômeno social. De acordo com Fernandes (2016), principalmente a partir do movimento da Convenção dos Direitos da Criança (1989), as pesquisas se intensificaram e, conseqüentemente, renovadas teorias passam a ser apresentadas e defendidas pelos pesquisadores e pesquisadoras da área.

Este trabalho que ora apresentamos, portanto, é parte integrante de pesquisas individuais mais que estamos desenvolvendo e contemplam o entendimento das múltiplas infâncias, com seus distintos modos de ser, agir e viver suas infâncias, visibilizada pelos estudiosos da Sociologia da Infância, em destaque nas últimas três décadas. Contudo, mesmo não integrando o roll de autores da Sociologia da Infância, Paulo Freire defende estas mesmas ideias, justificando essa aproximação teórica trazida por nós, mesmo que a compreensão que Paulo Freire teve acerca das infâncias e das crianças não tenha sido realizada de forma sistemática. A obra

de Freire evidencia uma preocupação com a infância para além de cronologia, mas como uma condição da existência humana, associada à sua qualidade inacabada. (KOHAN, 2019, p.195). Deste modo, tomamo-lo como aporte teórico, com objetivo de, assim, melhor compreender entre as múltiplas infâncias, pelo viés da Infância Oprimida, pois, Paulo Freire continua, mais do que nunca, sendo uma referência que dialoga com questões extremamente importantes da sociedade.

Não obstante, várias áreas do conhecimento tomam a criança como objeto de estudo, conforme anunciamos anteriormente, este trabalho elege como lente teórica/analítica a Sociologia da Infância sobre o entendimento das relações sociais e culturais da criança e tem como objetivo compreender melhor o que tem sido discutido sobre a infância e a criança e conta com a sustentação teórica dos autores: Delalande (2011), Fernandes (2016), Filho (2011), Prout (2004, 2010), Quinteiro (2002), Qvortrup (2011), Sarmiento (2004, 2017) Sarmiento e Pinto (1997).

Para melhor compreensão e organização, este trabalho foi construído por meio de uma revisão bibliográfica a qual nos permitiu conhecer os caminhos que estão sendo seguidos para compreender as crianças enquanto categoria social e o modo como se constituem como construtoras do sentido das suas vidas na infância. O texto foi organizado em quatro partes, sendo esta a primeira e as próximas três partes intituladas: A compreensão da infância; A criança sob um olhar renovado da Sociologia da Infância; e Considerações finais.

A COMPREENSÃO DA INFÂNCIA

A infância enquanto construção cultural pode ser compreendida como uma construção organizada pelas crianças de “[...] seus próprios saberes, suas memórias e lembranças, suas práticas e possibilidades de criar e recriar a realidade social na qual se encontram inseridas” (QUINTEIRO, 2002, p. 141). De acordo com Freire (2005) a compreensão do ser humano é de um ser histórico e inacabado, que vive em um fluxo contínuo de construção por meio do diálogo, embora reconhecendo que cada uma das diferenças, seja no sentido físico ou mental, sempre se dá na defesa de uma ética da formação humana. A esse respeito, Fávero (2011, p.7) afirma:

Outra categoria fundamental na pedagogia freireana, desde a experiência dos “círculos de cultura” adotados no sistema de alfabetização de adultos, mas presente em toda ação cultural e educativa é o diálogo: ninguém educa ninguém; os homens (e as mulheres, dirá Paulo Freire depois) se educam numa relação dialógica, de saberes e afetos. O diálogo viabiliza metodologicamente o movimento da práxis: partir do vivido e do sabido (se quisermos, partir do senso comum), discuti-lo, criticá-lo, ampliá-lo (na direção do bom senso), para daí não só mudar sua visão de mundo, mas transformar o mundo.

A Sociologia da Infância, para explicar a criança criadora de cultura, a estuda a

partir, principalmente, de dois aspectos: a cultura de pares e o protagonismo infantil. Deste modo, se opõe a ideia de passividade das crianças, bem como a socialização da criança como unicamente orientada por adultos e instituições sociais (familiares e escolares). Sobre isso, Filho (2015, p. 25) afirma que:

Por esse enfoque, foi possível ver as crianças com base em suas experiências e manifestações, principalmente aquelas construídas por meio das relações com os adultos e com seus pares, e não mais como sujeitos passivos e meros receptores ou consumidores de culturas ainda que se reconheça que sejam interdependentes dos adultos ou de outros grupos sociais, como por exemplo, a família e as esferas institucionais e de educação (FILHO, 2015, p.25).

Esse olhar renovado sobre a infância permite reflexões sobre um passado próximo das relações fechadas para as compreensivas, relações de diálogo e protagonismo. Do poder adulto nas decisões para as relações dialogadas e abertas, pois para Freire (2005), o saber não pode estar associado à doação, ou seja, entre os que se julgam sábios doam a quem se julga nada saber. De acordo com o autor “[...] a rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca”. (FREIRE, 2005, p. 67). Essas renovadas perspectivas advêm tanto do conhecimento científico, como do conhecimento do senso comum, como observa Delalande:

Na França, tanto a história da escola (Prost, 1981) como a sociologia da família (De Singly, 2004) mostram como passamos, entre 1970 a 1990, de um modo de relação autoritária para uma relação compreensiva aberta ao diálogo. A Convenção Internacional dos Direitos da Criança e a sua ratificação pela França, em 1989, constituem elementos reveladores de uma consideração do interesse da criança. A influência dos trabalhos de puericultura e, mais ainda, da psicanálise e da psicologia permitiu uma evolução das mentalidades e das práticas. Da criança domada à criança-sujeito, esta se torna uma pessoa, um interlocutor. (2011, p. 63-64).

A partir destas perspectivas, a luta por um espaço público e de qualidade capaz de se responsabilizar pela formação das crianças passa a ganhar força. Prova disso, é que de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei n. 9394/96, a Educação Infantil passa a ser reconhecida como a primeira etapa da Educação Básica, ou seja, a criança ganha o direito de frequentar os espaços escolares, ampliando ainda mais os debates sobre as crianças e as infâncias. Neste momento, é importante entender Freire como o educador que, no primeiro momento, se destacou na educação de jovens e adultos, mas, que sempre defendeu a Educação como prática da liberdade.

Sobre as impressões e concepções que ficaram como herança do século XIX, estudos sobre a escola apresentam uma instituição social de transmissão de conhecimento aos alunos, como as crianças tidas como meras receptoras de

conhecimentos utilitaristas entendidos como necessários à formação para a vida adulta. Nesta concepção de ensino o professor organizava a socialização metódica e disciplinar. Os alunos por sua vez, as crianças, eram vistos como sujeitos passivos, meros receptores de cultura. A esse tipo de postura, Freire (2005) denominou de educação bancária, onde a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Para Freire a educação deve ser vista como situação gnosiológica e como ato, sempre e, necessariamente político.

A evolução das mentalidades e práticas foi também influenciada especialmente pelo viés sociológico que tomou força principalmente na década de 90, com ações como o Congresso Mundial de Sociologia, que teve como propósito levantar questões sobre o que já existia e o que já estava cristalizado no processo de socialização da criança, exercida pelas instituições sociais na contemporaneidade. Foi a partir dessa tomada de decisões teóricas de pesquisadores renomados que a Sociologia da Infância passa a nos oferecer uma nova perspectiva de olhar para a criança.

Contudo, podemos dizer que Freire (2005) contribui significativamente para essa evolução de mentalidades quando nos convida a refletir sobre contrapormos a ideia de educação bancária. Para ele, enquanto a educação bancária se dá a inconciliação educador-educando, rechaça o companheirismo, nesta nova perspectiva, o educador já não pode ser um mero depositário do saber, sua tarefa é de passar, a saber, com os educandos e seus educandos com eles, já não estaria a serviço da desumanização, da opressão, mas, a serviço da libertação.

A CRIANÇA SOB UM OLHAR RENOVADO DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

De acordo com Fernandes (2016), a Convenção dos Direitos da Criança (1989) contribuiu significativamente com as discussões da Sociologia da Infância. A esse respeito, a autora afirma:

A Sociologia da Infância surge em meados finais da década de 1980 e faz um percurso – não em paralelo, porque elas se tocam, acho eu – com a Convenção. Quando a Sociologia da Infância defende a imagem da criança como um sujeito, um ator social, não está a defender mais do que aquilo que é salvaguardado na Convenção quando diz que a criança tem o direito a dar opinião, tem direito de envolver-se nos assuntos que lhe dizem respeito. Portanto, houve uma sinergia interessante do surgimento de uma área científica que tem como foco exclusivo a criança e a valorização da sua ação social e o surgimento da Convenção que legitima formalmente a participação das crianças. (FERNANDES, 2016, p. 188).

A autora afirma que a participação social das crianças ao mesmo tempo em que parece algo simples é também muito complexo de se conseguir, pois mesmo que oportunizemos um diálogo com a criança, temos dificuldades em aceitar, atender

e colocar em prática uma opinião quando é contrária àquilo que era esperado pelo adulto. Desse modo, ainda há muito a ser exercitado por parte dos adultos em relação a essa participação social da criança. A esse respeito, Fernandes (2016) chama de democracia representativa, pois: “A participação deve ser uma ação dotada de sentido para o sujeito, e que tenha implicações; implicações em termo de transformação social.” (FERNANDES, 2016, p. 188). Isso não quer dizer que tenha que prevalecer somente a ideia da criança, mas, para que ela construa a ideia de sujeito participativo, é preciso que sua ideia esteja num processo de confronto e negociações, ou seja, que se sinta um cidadão de direitos. “Nós somente somos cidadãos se pudermos exercer a nossa ação social e sentirmos que temos espaço num coletivo e que nossa ação também é acolhida.” (FERNANDES, 2016, p. 188).

Prout (2004) afirma que “[...] é preciso que a sociologia da infância não caia na ideia de que a infância é uma construção unicamente social para abandonar o reducionismo biológico”. (2004, p. 352). É reivindicativo que a criança seja vista como um ser completo, biopsicossocial, sendo oportuno intensificar as interfaces dos estudos da infância, pois o diálogo entre as ciências contribui e explora vários sentidos e significados da infância.

Na contemporaneidade, as linhas são tênues, as ciências estão entrelaçadas nas significações, e tanto a sociologia quanto a antropologia têm nutrido teoricamente e conceitualmente dos mesmos estudos sobre as infâncias. Para Delalande: “O olhar científico se adapta, com efeito, a uma sociedade em mutação, cria novos conceitos e novos métodos de investigação e, conseqüentemente, oferece uma análise renovada das crianças, na sua dimensão de seres em construção e nas suas relações com os adultos.” (DELANDE, 2011, p. 64). O autor ainda afirma que “[...] as investigações (sociológicas e antropológicas) se caracterizam pelo fato de interessarem, em primeiro lugar, pelo ponto de vista das crianças e por usarem mais facilmente os métodos etnográficos”. (DELANDE, 2011, p. 67).

A escola, neste sentido, ocupa um espaço de extrema importância tanto para a formação, quanto para a visibilização das múltiplas infâncias. A escola é um lugar em que a criança vai tornar-se protagonista da sua própria vida, sendo um espaço em que o conceito de interação vai ser transformado, no modo como cada criança vai se relacionar consigo e com os outros. É válido enfatizar que para Freire a educação não se limita ao ensino escolar, pois para o autor trata-se da formação do homem, considerado como ser inacabado e em permanente processo de autoformação.

Sarmiento (2004, p. 02), nos explica que:

A sociologia da infância propõe-se a constituir a infância como objeto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente

da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles. Porém, mais do que isso, a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objeto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada.

O processo de constituição do conceito contemporâneo de infância foi longo e a Sociologia da Infância vem nos oferecer a ampliação de novos significados, trabalhando para um novo modo de olhar e trabalhar com a criança, seja na escola ou em outro espaço social. E justamente a construção desses novos modos de olhar e entender que torna as múltiplas infâncias intrigante e ao mesmo tempo nos convoca a desacomodar concepções já estabelecidas, tais como as que a criança era vista como um ser sem vez e voz, ou seja, totalmente excluído do processo do seu próprio desenvolvimento.

A esse respeito, a Sociologia da Infância tem evidenciado, por meio de inúmeras pesquisas, uma série de mudanças na sociedade contemporânea, entre elas as diferentes formas de vida familiar; os modos como o adulto concebe a criança; os processos de socialização entre adultos e crianças; a importância da presença atuante de professores nos processos de socialização da criança, como muitas outras relações sociais. Desse modo, verifica-se que a ideia de infância já não é condizente com as regras estabelecidas pela sociedade. Prout (2010, p. 356) defende que “[...] estava ocorrendo, e ainda ocorre, uma mudança no caráter da infância: as famílias já não vivem mais em um padrão estereotipado.” Assim, essas situações de diferentes famílias, vivendo de diversas formas, possibilita uma criança mais questionadora, curiosa e que deve estar preparada para defender seu ponto de vista. Sendo assim, já não podem mais ser percebidas como desorientação, mas, com olhar de respeito e amor ao próximo.

A Sociologia da Infância “[...] apresenta a infância como categoria na estrutura social e defende que a categoria geracional é aquela que define o lugar ocupado pela infância na sociedade, portanto, o elemento que fundamenta o campo da Sociologia da Infância”.(QVORTRUP, 2011, p.202). As histórias de vida das crianças sempre foram contadas e retratadas pelo adulto. Foi essa concepção que fez com que as crianças fossem ignoradas por tanto tempo pela Sociologia e que só recentemente o estudo específico da infância veio nos chamar para o refazer das reflexões e análises sobre o envolvimento da criança. Para Freire (1996, p.88), o exercício da curiosidade convoca imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser produzidos para serem compreendidos. Qvortrup (2011, p. 202), nos diz que:

O que temos sugerido, ao menos em minha interpretação, é que não é suficiente

realizar análises sobre a infância como mera questão interna da família (ainda que isso seja também importante), nem analisar a infância em termos das classes tradicionais ou de parâmetros de estratificação, esses aspectos são também importantes, mas, se forem aplicados exclusivamente em nossas análises, poderemos negligenciar as relações geracionais. (...) O ponto crucial é olhar para o que são características comuns para as crianças e, então, evitar confundir suas condições de vida com as características de vida de seus pais, por exemplo.

A Sociologia da Infância considera que as crianças são participantes ativas na construção social da infância, e compreende a criança como sujeito da sua própria história, e atribui significados e dá sentido à sua cultura própria.

De acordo com o olhar dos etnólogos, no campo da etnologia, observa a vida e as experiências documentadas pela antropologia cultural e social da infância, desse modo, desenvolve investigações relativas à cultura e à aculturação do convívio da criança com outras crianças, observando a criança e a outra criança nas suas culturas.

A dimensão cultural é, sobretudo, desenvolvida pelas investigações dos etnólogos, herdeiros de uma forte atenção àquilo que constitui o Outro na sua alteridade, na sua cultura. Desde os trabalhos da antropóloga americana Margaret Mead e os seus estudos comparativos, particularmente entre sistema educativo americano e o da Nova Guiné (1930), a atenção é voltada à relação entre cultura e personalidade, isto é, sobre a maneira como se “acultura” o indivíduo (DELALANDE, 2011, p. 65-66).

Criar espaços para que a criança possa exercer a relação social, é permitir que ela dê sua opinião. Isso é participação e construção social. Carvalho e Silva (2016, p. 188), afirmam que, “[...] a participação deve ser uma ação dotada de sentido para o sujeito, e que tenha implicações. [...] podem ser mudanças pontuais no próprio sujeito, no próprio grupo, mas esse sujeito tem que sentir aquela ação intencional.” São esses momentos que podemos chamar a criança de sujeito participativo. Momento em que os etnólogos dão atenção sobre relação entre cultura e personalidade da criança mediada pelas culturas que ali entrelaçam e se aculturam.

A Sociologia da Infância cria espaços para absorver representações de uma infância diferente daquela do passado. Insiste na necessidade de se estudar a socialização como via de mão dupla, e interessa que se inclua as relações entre a criança e os adultos bem como entre as crianças e seus pares. Também surgiram estudos específicos, de outras ciências como a etnologia que faz estudo comparativo entre diferentes aspectos culturais, em que contemplam os relacionamentos sociais das crianças em variados meios sociais, especialmente, os que alcançam a dimensão cultural.

Nesses estudos, constatou-se que essas parcerias possibilitam um tipo particular de aprendizagem de saberes e fazeres, entre elas, às mudanças ocorridas na família e na escola, consideradas as duas instituições privilegiadas de socialização, embora não as únicas. As transformações nelas ocorridas repercutem nas crianças

e geram seguramente novos comportamentos. Comportamentos que oportunizam transformação pessoal, tornando-se um sujeito livre e, conseqüentemente, na sociedade onde a criança está inserida pois, “[...] o homem não cria sua possibilidade de ser livre, mas aprende a efetivá-la e exercê-la”. (FREIRE, 2005 p. 18).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As relações da criança com outras crianças e com os adultos são marcadas por dinâmicas nas relações sociais e culturais e devem ser levadas em consideração nas escolas, para se compreender melhor o que tem sido dito sobre a infância e a criança, e entender os caminhos que estão sendo seguidos para compreender a criança como categoria social e o modo como as crianças se constituem como construtoras de sentido, pois, compreendemos que a criança é sujeito da história e, com isso, constrói a cultura que vive.

O que se tem produzido e pensado atualmente acerca das infâncias e [...] é oriundo de construções históricas, culturais e sociais, o que faz com que possamos debater sobre essas construções, entendendo-as não como verdades absolutas, mas como resultado de um período, de uma sociedade, considerando-as a partir de um momento que está em constante modificação. (LIMA, 2018, p.23)

Reconhecemos que as crianças, embora ainda silenciadas na escola e em outros ambientes, têm muito a dizer sobre o mundo, conhecimento este que não fazia parte em meados do século passado, do ideário pedagógico.

Não obstante, os avanços ocorridos em relação à participação da criança em sua vida estejam evidenciados, ainda há um bom caminho a percorrer, pois, nós, adultos, ainda precisamos exercitar muito nossa prática a respeito da nossa atuação com as crianças no sentido de sua participação social, sendo esta a pedra fundamental na pedagogia de Freire. A esse respeito, corroboramos da ideia de Fernandes (2016, p. 188) ao ressaltar que “O conceito de participação que nós defendemos no nosso grupo é algo muito simples, mas, ao mesmo tempo, algo muito difícil de conseguir.” Segundo a autora, os adultos ainda têm dificuldade de aceitar a opinião das crianças como produto final, na maioria das vezes, o adulto, principalmente na escola, solicita a opinião infantil, mas, o que prevalece é a sua decisão.

Assim, a Sociologia da Infância entende a criança como sujeito, que deve ser visto, deve viver, ser observado nas relações com o outro, produzindo significados nas novas institucionalizações sobre a criança. Desse modo, ao defendermos a criança como sujeito ativo, protagonista da sua própria história, é que reconhecemos as ideias de Freire como um importante aporte teórico, que tem muito a dizer para/ nesta área, fundamental para o trabalho de uma Educação que esteja, de fato, comprometida com as infâncias, principalmente, com a infância oprimida, cujo respeito, o compromisso, a responsabilidade seja dispensado a todas as crianças

como direito legítimo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Regiane Sbroion de; SILVA, Ana Paula Soares da. **A participação infantil em foco: uma entrevista com Natália Fernandes**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá/PR, v. 21, n. 1 p. 187-194, jan/mar. 2016. Disponível: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/28430/pdf>

DELALANDE, Julie. As crianças na escola: pesquisas antropológicas. In: FILHO, Altino José Martins Filho; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas/SP: Autores Associados, 2011.

FÁVERO, Osmar. Paulo Freire: **Importância e atualidade de sua obra**. Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.3 DEZEMBRO 2011 EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO DE PAULO FREIRE <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>

FERNANDES, Natália. **A participação infantil em foco: uma entrevista com Natália Fernandes**. In: CARVALHO, Regiane Sbroion de. SILVA Ana Paula Soares da. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 21, n. 1 p. 187-194, jan./mar. 2016.

FILHO, Altino José Martins Filho. Crianças e adultos: Marcas de uma relação. (p. 25-49). In: FILHO, Altino José Martins Filho (org.). **Criança pede respeito: Ação educativa na creche e na pré-escola**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire mais do que nunca: Uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LIMA, Samantha Dias de. **Pedagogias, infâncias e docências: o que narram as acadêmicas sobre suas aprendizagens**. Revista Educação em Foco, ano 21 - n. 31, p. 13-31, set/dez 2018.

PROUT, Alan. **Reconsiderar a nova sociologia da infância**. Braga: Universidade do Minho; Instituto de Estudos da Criança, 2004.

QUINTEIRO, Jucirema. **Sobre a emergência de uma sociologia da Infância: contribuições para o debate**. Perspectiva, Florianópolis: v. 20, n. Especial, p. 137-162, jul./dez 2002.

QVORTRUP, Jens. **Nove teses sobre a Infância como um Fenômeno Social**. Proposições, vol.22 n.1, p.199-211, 2011. Disponível em: <http://www.aciolo.br/pdf/pp/v22n1/15.pdf>

SARMENTO, Manuel J. Imaginário e culturas da infância. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto **“As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”**, Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em <projectos.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf>. acesso em 12/11/2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. In PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (coords.) **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Água 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34

Alfabetização 71, 125, 133, 134, 135, 139, 142, 144, 152, 231, 234, 237, 238, 242, 247

Alfabetize 133, 134

Aprendizado 20, 24, 33, 54, 79, 85, 97, 122, 127, 133, 136, 138, 140, 141, 142, 143, 179, 202, 204, 206, 208, 228, 246, 259, 302

Aprendizagem 1, 2, 4, 5, 6, 10, 11, 15, 17, 20, 25, 26, 27, 30, 32, 33, 34, 35, 43, 51, 54, 70, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 105, 107, 108, 109, 119, 120, 121, 122, 123, 130, 133, 134, 142, 143, 151, 152, 156, 177, 178, 180, 181, 183, 185, 186, 189, 192, 198, 201, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 222, 226, 227, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 260, 262, 265, 267, 273, 275, 280, 282, 287, 289, 291, 297, 298, 306, 307, 308, 315, 321, 341

Assimetrias 188, 190, 191, 199, 200

B

BNCC 45, 46, 211, 212, 213, 216, 217

Brincadeira protagonizada 36, 37, 39, 43

C

Corpo 11, 168, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 195, 253, 262, 283, 284, 290, 294, 295, 297, 307, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 342, 348, 349, 350

D

Desafios 15, 49, 51, 96, 100, 103, 105, 108, 143, 176, 189, 191, 200, 201, 204, 206, 214, 222, 244, 254, 274, 279, 286, 318, 319, 349

Desenvolvimento profissional 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 286, 288

Dicotomia corpo/mente 177

Direito 8, 15, 21, 52, 72, 73, 75, 78, 123, 127, 128, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 159, 163, 212, 259, 260, 270, 288, 299, 300, 319, 343, 344, 345

E

Educação continuada 133, 136, 142

Educação infantil 35, 36, 39, 41, 42, 43, 72, 231, 305, 306, 308, 309, 311, 348, 350

Educação profissional e tecnológica 1, 2, 3, 12, 13

Educação pública 45, 46, 47

Educação superior 3, 12, 158, 159, 160, 164, 165, 166, 175, 176, 188, 189, 190, 191, 199, 200, 229, 248, 256

Eficácia social 145, 146, 147

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 33, 34, 35, 41, 42, 48, 50, 52, 55, 59, 73, 74, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 99, 100,

107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 123, 126, 131, 135, 143, 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 231, 232, 233, 234, 237, 239, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 265, 267, 268, 270, 271, 277, 278, 280, 282, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 291, 298, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 315, 345, 349, 351

Ensino de química 25, 31, 33, 34, 35

Ensino médio 6, 7, 9, 16, 24, 25, 27, 34, 59, 88, 90, 91, 94, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 164

Ensino público 163, 171, 201, 204

Ensino superior privado 157, 158, 159, 160, 164, 166, 167, 172, 175, 176

Estatística aplicada 54

Extensão da sala de aula 54

Extraescolares 14, 17, 19, 20, 21, 22

F

Fanfics 211, 212, 213, 215, 216, 217

Formação de professores 1, 13, 21, 36, 41, 133, 143, 188, 189, 199, 245, 246, 256, 263, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 306, 308, 311, 312

Foucault 177, 178, 179, 182, 185, 187, 297, 303, 325, 327, 329, 334, 348

Fracasso escolar 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

G

Gestão democrática 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53

Gestor escolar 45, 47, 49, 50, 51, 53

I

Inédito-viável 201, 202, 205, 207, 208, 209

Intraescolares 14, 17, 19, 20, 22

J

Jogo didático 24, 25

L

Legislação 2, 6, 47, 48, 49, 126, 145, 155, 199, 254, 256, 261, 268

M

Merleau-ponty 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Multidisciplinaridade 109

N

Nanociência 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

Nanotecnologia 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116

P

Perfil docente 1, 2, 4, 11

Precarização 157, 158, 159, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Produção de texto 140, 211, 212, 213, 215, 216, 217

Professor 2, 4, 5, 7, 10, 11, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 38, 57, 58, 73, 81, 93, 102, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 134, 136, 138, 143, 144, 152, 168, 171, 188, 189, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 258, 259, 261, 280, 281, 282, 283, 285, 286, 287, 289, 306, 308, 312, 313, 317, 318, 319, 320, 336, 339, 347

Psicologia histórico-cultural 20, 36, 43

T

Tecnologia 1, 2, 3, 7, 10, 12, 27, 69, 106, 107, 111, 116, 135, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 222, 225, 229, 249, 261, 263, 334

Trabalho docente 5, 131, 157, 158, 159, 161, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 198

 **Atena**
Editora

2 0 2 0